



## Os pró-Nelson Rodrigues

Augusto Boal e Eduardo Tolentino protagonizam a primeira Mesa em homenagem ao escritor na V FLIP

Por Marcos Lauro - [marcoslauro@uol.com.br](mailto:marcoslauro@uol.com.br)

Quando o espetáculo “Vestido de Noiva” estreou no Rio de Janeiro, Augusto Boal passou dois meses assistindo a todas as apresentações. Sim, sempre estava lá ele, admirando o texto, o estilo e as interpretações dos atores (entre eles, estava Fernanda Montenegro, grávida de Fernanda Torres). E admirava, principalmente, o seu ídolo Nelson Rodrigues.

A convivência vem da época em que o jovem estudante de química Boal era diretor cultural do seu curso. Teve a idéia de organizar

uma mesa com algumas pessoas. Veio só uma dúzia de gatos pingados. Nelson Rodrigues, então, sugeriu mudar o lugar da palestra: Do teatro para o café que existia logo em frente. “Pelo menos uma média com pão e manteiga daria para comer durante o tão esperado encontro”, ponderou Nelson.

depois da morte de Nelson, Boal ainda demonstra uma amizade e um carinho muito grande pelo mestre. Tanto é que preparou um texto exclusivamente para esta Mesa da FLIP, que foi lido e longamente aplaudido pela platéia. Além desse “causo”, relatado no começo do texto, Boal, em

sua leitura, citou também outro acontecimento importante da sua amizade com Nelson.

O ano era 1971. Boal já trabalha com o que seria conhecido como Teatro do Oprimido, em que o espectador não é só um mero ser inerte sen-



*Interior da Tenda dos Autores, preparado para receber Boal e Tolentino*

um encontro entre Rodrigues e os alunos e reservou um teatro com capacidade para 300

Assim, de forma inusitada, começou uma relação de amizade que dura até hoje. Mesmo

tado em sua cadeira. Ele não só participa do espetáculo, como define o seu rumo, opi-



*Até a Igreja do Rosário se vestiu de noiva para a FLIP de Nelson Rodrigues. Na parede, um protesto dos servidores federais da cultura*

na e discorda. A ditadura, não vendo isso com bons olhos, resolve prender Boal. A reação foi instantânea: Nelson Rodrigues publica uma série de artigos em defesa do amigo Boal.

Depois desse episódio, Boal vai, exilado, para a Argentina, onde desenvolveu a estrutura teórica do Teatro do Oprimido, e depois para Portugal. Só voltou para o Brasil depois da anistia, em 1986. Desde então, o Teatro do Oprimido viaja o

mundo, discutindo e tentando resolver questões primordiais por onde passa.

“Dizer o que depois disso?”, foram as primeiras palavras de Eduardo Tolentino na Mesa, após as palavras e as histórias de Boal. Mas ele, como diretor do Grupo Tapa, o Teatro Amador Produções Artísticas, tem também uma longa história com Nelson Rodrigues. Se não com a pessoa, com o seu texto.

Foi com “Viúva, Porém Ho-

nesta” que o Grupo Tapa mudou seu perfil como grupo de teatro. Partiram do anonimato para o grande circuito, incluindo aí apresentações fora do Brasil.

Já no início da década de noventa, as coisas estavam difíceis para o grupo novamente. Foi a época do confisco de bens promovido pelo Collorido e sua ministra, D. Zélia. O grupo praticamente voltou à estaca zero.

Resolveram comemorar os 50 anos de “Vestido de Noiva”, em 1993. E como no início do grupo, um texto de Nelson Rodrigues alça para o grande circuito novamente. O que era para ser apenas uma leitura da peça (com cenário e luz, mas apenas uma leitura) acabou estreando definitivamente e ficou em cartaz, entre idas e vindas, de 1994 até 2000. Foi encenada até na Polônia, com atores locais, o que mostrou que o texto de Rodrigues é, sim, universal. Apesar de uma resistência inicial dos atores estrangeiros, a peça fez tanto sucesso que veio para o Brasil e foi encenada com legendas.

Cassiano Elek, diretor de programação da FLIP, prometeu divulgar a homenagem de Boal. Vale a pena um plantão no [www.flip.org.br](http://www.flip.org.br) para a sua leitura.

